



OLMA

Observatório Nacional
de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida



JESUÍTAS BRASIL

LENDO E REFLETINDO

O mal da terceira pessoa e o cientificismo hegemônico

Franclim J Sobral de Brito¹

Marcelo Kokke²

A construção do pensamento e da própria compreensão social estão sempre enlaçadas com a linguagem e a forma como o ser humano se apresenta no mundo e para com o mundo. Pequenas manifestações do dia a dia não são, de maneira alguma, lançamentos isolados ou desvinculados de um todo que influi na visão e condução do ser humano em sua realidade.

Dentre as pequenas coisas que são reveladoras da impessoalidade e do distanciamento do ser para com a efetiva implicação de sua participação na realidade e na vida está o malfadado roteiro do terceiro observador, pretensamente distante, infenso à realidade. O indivíduo passa a apreciar e se postar no mundo como se não fosse ele uma expressão do todo.

A forma como se aprende a escrever e a interpretar está envolvida nesse problema. O ser humano não só aprende, é quase que constrangido por uma deturpação da herança cartesiana e mesmo kantiana a escrever em terceira pessoa. E a ironia aqui existente é que Descartes escrevia em primeira pessoa. Desde textos de redação até textos científicos, todos são postos em orientação para que o indivíduo não use a primeira pessoa, para que use a terceira, como se fosse ele desprendido de sua visão de mundo.

¹ Doutor em Direito Público pela PUC-Rio. Mestre em Direito. Graduado em Direito e Filosofia. Coordenador do Curso de Direito (Direito Integral) da Escola Superior Dom Helder Câmara. Pesquisador conveniado à FAPEMIG. Colaborador da Revista Eletrônica domtotal.com. Contato: franclimbrito@gmail.com

² Pós-doutor em Direito Público - Ambiental pela Universidade de Santiago de Compostela – ES. Mestre e Doutor em Direito pela PUC-Rio. Procurador Federal da Advocacia-Geral da União. Professor de Direito da Escola Superior Dom Helder Câmara. Professor colaborador da Escola da Advocacia-Geral da União. Membro da Associação dos Professores de Direito Ambiental do Brasil. Membro da Academia Latino Americana de Direito Ambiental. Membro do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública. Contato: marcelokokke@yahoo.com.br



OLMA

Observatório Nacional
de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida



JESUÍTAS BRASIL

LENDO E REFLETINDO

Escrever em terceira pessoa é um mal. Significa se desatar de sua posição, significa nos distanciarmos (ou pretender isso) do fato de que nosso produto do pensamento e da ação não podem ser desconectados de quem somos. Mas não se resume o efeito puramente ao ato de escrever. A construção da linguagem está relacionada à formulação do pensamento. A dimensão da linguagem se impregna na leitura da vida como um todo. A institucionalização propagada do uso da terceira pessoa desliga o indivíduo de seus problemas e lhe projeta uma errônea perspectiva de que o mundo é algo externo que lhe arrebatou.

A terceira pessoa projeta a isenção de responsabilidade. O indivíduo passa a dizer em sua ida ao trabalho que ele ou ela está no engarrafamento de veículos. Mas isso não é verdade. Ele ou ela é o engarrafamento. Cada um de nós forma o congestionamento no trânsito. Cada um de nós lota o ônibus, o metrô, forma a fila do caixa do supermercado. Cada um de nós é o problema ecológico, é a fonte da poluição. Cada um de nós integra o problema da violência.

O uso da terceira pessoa permite afirmar que o problema “não é meu”, permite indispor-se à consciência de que não somos donos de nossos pensamentos, como pretendia Descartes. Nossos pensamentos são conformados por nosso roteiro de vida, por nossa perspectiva de utilidade ou inutilidade. A falência em compreender essa paisagem crítica de formação de visões de mundo deságua em crises de intolerância. O Direito não se vale mais como via de paz social, é ele operado como forma de interditar debates ou manejar revides.

Há uma diferença filosófica e de perspectiva enorme entre as visões aqui situadas, da primeira em face da terceira pessoa. Dizer “eu estou lotando o ônibus” atrai uma carga de responsabilidade e envolvimento no problema muito diferente da perspectiva que dita “o ônibus está lotado”. O ato de escrever é interligado ao de pensar, e pensar em terceira pessoa, em um contexto de problemas como o vivido no Brasil conduz ou à indiferença ou à vitimização, seguida pelo fatalismo, como se não fizéssemos parte do problema.

Mais. A terceira pessoa abre o espaço para o instrumento de fuga. E os instrumentos de fuga são proliferados na era tecnológica, na era do isolamento. A impessoalidade avança a tal ponto que o interagir com o outro fica cada vez mais tortuoso e a incomodar os juízos críticos do terceiro observador (todos nós) que insiste em não se mesclar no todo. A institucionalização da terceira pessoa leva ao não envolvimento. As pessoas desaprendem a discordar umas das outras. O percurso entre o



OLMA

Observatório Nacional
de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida



JESUÍTAS BRASIL

LENDO E REFLETINDO

início de um debate entre pessoas próximas e o resultado final de virulência é antevisto como uma consequência irrefreável, quase natural.

Nos elevadores dos condomínios, escolas e faculdades, o celular é o refúgio daquele ou daquela que não quer abrir mão do muro existente para com a pessoa do seu lado. O celular nos mantém como terceiros observadores. A tela das redes sociais permite agressividades que não seriam expostas em um diálogo pessoal. Afinal, o dissabor virtual permite que o contato seja excluído ou bloqueado. A fuga é sempre possível. O terceiro observador se mantém, impassível em seu posto de julgador do mundo que lhe é projetado como algo puramente exterior. A terceira pessoa não se impregnou apenas em nossa escrita, está impregnada em uma prática de ação social para com o outro, nós nos tornamos observadores de nosso próprio destino.

Enquanto no Brasil ainda se prega o uso da terceira e impessoal pessoa nas escolas, nas faculdades, nos seminários científicos, nos Estados Unidos a prática é há muito posta de lado. O *American Institute of Physics*, em seu manual de estilo,¹ trata a questão como um tabu, um injustificado tabu. O uso de terceira pessoa é visto como uma construção impessoal sujeita à crítica justamente porque não existe posição ou visão de mundo em si impessoal.

Como expressara Spinoza, o ser pensante está ligado à forma de pensar. Ou então, em outra vertente, tomando o ser humano e seu tempo, poderíamos aqui nos refugiar em Heidegger. Não há discurso fora de contexto do autor ou do auditório que o ouve. Fazemos parte do contexto que julgamos e criticamos, dos problemas que vivemos. Não somos terceiros observadores. E nem mesmo devemos ler ou entender alguém sem pensar no contexto e plano em que o indivíduo que escreve está situado. Como expressa Ulrich Beck, a crença na neutralidade não encontra mais espaço em uma sociedade sujeita à modernização reflexiva.

A modernização reflexiva abre espaços para uma reconformação da sociedade em que não são as mazelas ou projeções de insucesso que levam à crise. É o inverso, é o sucesso, o alcance dos objetivos da máquina produtiva e consumista que foi desenhada que leva ao nível de insustentabilidade ambiental e social que abatem a sociedade contemporânea.

Ulrich Beck destaca que no passado as crises e revoluções foram escoradas em resultados antagônicos aos prometidos ou contrários dos objetivos da sociedade. A geração presente se depara com um problema novo. Foi justamente o sucesso e expansão do modelo precursionado como ideal que está levando à falência ecológica e ao comprometimento da própria vida.

A crise recém vivenciada no Brasil pela greve dos caminhoneiros é expressão do insucesso do sucesso. A dinâmica empresarial e produtiva brasileira, no



OLMA

Observatório Nacional
de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida



JESUÍTAS BRASIL

LENDO E REFLETINDO

suporte de um modelo ocidental, concentrou-se em propagação de um modelo dependente dos combustíveis fósseis e de baixo estoque, concentrado em grandes centros urbanos. A contundência dos resultados da greve, com escassez em poucos dias gêneros alimentícios e colapso no transporte é sinal de que o modelo foi um sucesso em termos de alcançar seu objetivo. Isso não quer dizer que tenha sido favorável para a sociedade, quer dizer que o sucesso do modelo explicita o insucesso de sua compatibilidade.

O discurso científico hegemônico, que desdenhava dos saberes tradicionais, mostrou-se insuficiente e incapaz de responder aos conflitos socioambientais. Metodologias de produção, de gestão do território, empregadas por indígenas e povos tradicionais, antes postas em crítica por terceiros observadores em discursos e textos impessoais, tanto científicos como de senso comum, são agora valorizadas. Mas não uma valorização impessoal. Passa-se a tematizar como necessário um diálogo de saberes, nada impessoal, um diálogo que construa efetivamente um texto do “nós” a agregar o discurso científico clássico ao discurso dos saberes tradicionais.

O irrefletido discurso da impessoalidade, da terceira pessoa, precisa de ser substituído por um discurso que situe o autor, que explicita a posição, que venha a assumir plenamente posicionamentos e o contexto de sua produção. O modelo hegemônico é um modelo de consumismo irrefreado, geração de resíduos e energia acumulada que recai em aquecimento global, como esclarece Enrique Leff.

O ecodesenvolvimento depende de um efetivo diálogo de saberes, depende da superação da impessoalidade para situar o autor, para situar o discurso, para situar o pensamento. Superar a barreira do terceiro observador não é afetar apenas a forma de se escrever ou pregar a ciência (qual ciência), é também redesenhar a forma de pensar e os arranjos sociais e culturais que envolvem saberes tradicionais e saberes científicos.



A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter-religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficaríamos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br

Para ler os textos já enviados acesse: <http://olma.org.br/serie-lendo-e-refletindo/>